

A Solidão tem Fim

Luiz Augusto da Cruz

Edição: Edição do Autor

Título: A Solidão tem fim
Autor: Luíz Augusto da Cruz

Capa: Sítio do Livro, Lda.

1.ª Edição
Lisboa, 2010
Impressão e Acabamentos: Agapex

ISBN: 978-989-20-2014-3
Depósito Legal: 312055/10

© Luíz Augusto da Cruz

Publicação e Comercialização:
Sítio do Livro, Lda
Lg. Machado de Assis, lote 2
1700-116 Lisboa
www.sitiodolivro.pt

AGRADECIMENTOS

À Clara e à Ester que me dispensaram de alguns deveres domésticos para que eu pudesse dedicar-me à tarefa de escrever, o melhor, reescrever “A Solidão Tem Fim”.

Às minhas amigas: Maria dos Anjos, Gláucia, Teresa e Joan que com boa vontade leram algumas páginas e incentivaram -me a continuar o trabalho.

Agradeço especialmente à Maria dos Anjos pela ajuda na revisão do texto.

À Flor, a Yorkshire Terrier da Ester, que ficou a maior parte do tempo ao pé de mim.

Torres Novas, 02 de Maio de 2010.

Luiz Augusto da Cruz

A Solidão tem Fim

Luiz Augusto da Cruz

PREFÁCIO

Este livro foi escrito há quinze anos atrás, 1995 para ser mais exacto. Sofri uma tempestade cerebral, durante uma época de tempestades climáticas que deixavam meu centro de saúde em Itirapina às escuras e vazio de doentes. À luz de uma minúscula vela as folhas de um antigo formulário em desuso foram inundadas de palavras que destilavam através da minha caneta. O manuscrito adormeceu no fundo de uma gaveta tão rápido como foi escrito.

O tempo passou, uma miúda nasceu e atravessamos o oceano.

Reescrever o livro em português nativo representou um reencontro com o falar dos meus avós, pais, tios e patrícios. A diferença do português falado no Brasil e em Portugal não se limita à grafia e à pronúncia. As frases em português nativo tem construção e ritmo

peculiares à cultura ibérica, há palavras que diferem do sentido utilizado no Brasil, há outras palavras que só possuem sentido no idioma de Camões.

António Houaiss deixou inacabado o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa que reúne todas as palavras usadas nos países de língua oficial portuguesa, esta obra titânica requereu quinze anos de trabalho de mais de cento e cinquenta especialistas. O famigerado acordo ortográfico nada vai mudar no falar de Portugal, jamais passará de uma aglutinação de dicionários tal como a obra de Houaiss.

Os personagens de “A Solidão Tem Fim” vivem em espaços do Brasil desconhecidos pela maioria dos brasileiros e apresentam costumes peculiares. A linguagem característica dessas regiões obrigou-me a referenciar algumas palavras, outras não são referenciadas mas no contexto

A Solidão tem Fim

Luiz Augusto da Cruz

consegue-se perceber o sentido que têm.

*Espero que o leitor aprecie esta singela
história.*

Torres Novas, 02 de Maio de 2010.

Luiz Augusto da Cruz

A Solidão tem Fim

Luiz Augusto da Cruz

A Solidão tem Fim

Luiz Augusto da Cruz

A Solidão tem Fim

Índice

Agradecimentos	5
Prefácio	7
O Náufrago	13
O Sobrevivente	25
De volta às origens	33
À beira da insanidade	39
Alfredo e Zé Manel	47
Alfredo e Soraia	55
A história de Soraia	63
Soraia e Miguel	73
Miguel conta sua história a Soraia	91
A vida de Soraia com Miguel	103
A visita de João Paulo II a Manaus	123
A outra face de Miguel	127
A vida de mercenário	141
Uma morte pela paz	163
Miguel volta para retomar sua vida	169
Uma história puxa outra	189
Um churrasco no domingo	193
Uma surpresa na Internet	197
A Viagem à América	201
De volta à quinta do Zé Manel	205

A Solidão tem Fim

Luiz Augusto da Cruz

O Náufrago

Rio Amazonas, Janeiro de 1986, um homem preso aos ramos de um tronco de uma árvore flutuante, abre os olhos e quase em pânico começa lentamente a recobrar a consciência. Ele ergue a cabeça e vê um enorme empurrador a conduzir rio abaixo um comboio de gigantescas balsas carregadas de caminhões, consegue ler o nome pintado no

casco do empurrador “LIBÓRIO”.

-Socorro! Homem no rio! Grita desesperado o homem, porém a sua voz fraca é abafada pelo rugir dos motores.

As ondas do empurrador afastam o tronco do meio do nervoso rio castanho em direcção à margem direita.

-O que eu, José Saraiva Batalha, gaúcho missioneiro, estou a fazer no meio desse rio?

Devagar começou a lembrar-se que há umas seis semanas atrás estava em São Paulo. Conseguira uma boleia para Manaus com um amigo camionista. Ficara quase três semanas a procurar emprego como electricista de veículos. Nada conseguira e então resolvera voltar, estava de favor na balsa, não podia ficar nas acomodações do empurrador. O amigo deixara-o dormir na cabina do camião. Nesse dia pegou seu prato de comida no restaurante do empurrador e dirigiu-se para a balsa para o almoço. Quis devolver o

prato lavado, viu um balde com uma corda e jogou-o ao rio para pegar água, a velocidade do empurrador transformou o balde num peso enorme e ao tentar dar um puxão mais forte para retirar o balde da água perdeu o equilíbrio, caiu na água e foi colhido pelo tronco em que estava agarrado.

-José Saraiva Batalha, gaúcho missioneiro e homem de muita fé, eu terei que sair dessa. Juro que se eu sobreviver voltarei para São Miguel e não sairei de lá, nunca mais!

Primeiro José precisava localizar-se. José estava no meio do rio Amazonas, seis quilômetros para chegar à margem esquerda e seis quilômetros para chegar à margem direita. Ouve um apito de um navio e consegue distinguir que é um petroleiro. O tronco em que estava era muito volumoso para ser manobrado, precisava de um outro mais leve. Vê um outro tronco mais leve há uns quinze metros, joga-se na água e ao dar

a primeira braçada com a esquerda, sente uma forte dor, deve ter fracturado o úmero, consegue alcançar o tronco usando só o braço direito, por sorte é um bom tronco com alguns ramos para se apoiar. O navio já vem bem perto mas desvia-se para a margem esquerda. As ondas provocadas pelo navio empurram o seu tronco na direcção da margem direita. Uma hora depois o navio sumia de vista, ora então a refinaria de Manaus estava rio acima. Conseguiu perceber que havia uma ilha mais à frente, poderia ser habitada. Batendo os pés na água como remos conseguiu colocar o tronco obliquamente à correnteza que ia lentamente empurrando-o para a margem direita, mas já havia passado da ponta da ilha quando notou que a correnteza estava mais forte e ele mal conseguia manter-se sobre o tronco. Um bando de botos começou a saltar por perto, dava a impressão que o acompanhava. Quando a forte correnteza abrandou, a ilha que